

Páscoa
2025



6ª Feira Maior
a Morte do Senhor

Serra do Pilar, 18 de abril

Refeição de Jejum

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ámen!

**A Misericórdia do Senhor,
cantaremos para sempre!**

Leitura da 1ª Carta de Paulo aos Coríntios (1 Cor 15,3-5)

Fui eu que vos transmiti, em primeira mão, o que eu próprio recebi: que Cristo morreu pelos nossos pecados, conforme as Escrituras; que foi sepultado e ressuscitou ao terceiro dia, também conforme as Escrituras; que apareceu a Pedro e logo depois aos Doze".

Oremos (...)

Ó Pai,
que nos enviaste o teu Filho,
que tendo amado os que estavam no Mundo
os amou até ao fim,
abençoa esta nossa refeição
na noite em que fazemos memória da sua Morte.
Em nome do Pai, e do Filho
e do Espírito Santo!
Ámen!

**A Misericórdia do Senhor,
cantaremos para sempre!**

Vós me invocareis, Eu vos ouvirei!
Libertar-vos-ei e glorificarei,
encherei de dias os dias da vossa vida,
mostrar-vos-ei a minha salvação.

Celebração da Morte do Senhor

Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

Ámen!

**A nossa glória está na cruz
de nosso Senhor Jesus Cristo!**

Irmãs e Irmãos:

Nós não glorificamos o sofrimento e a dor, mas descobrimos a Vida, mesmo naquilo que percebemos como sofrimento e morte. É absurdo pensar que Deus exigiu a morte de Jesus como condição para perdoar os nossos pecados. A morte de Jesus não foi por vontade de Deus, mas resultado das tensões e resistências que a sua proposta do Reino de Deus provocou entre os que dominavam o mundo.

Não é a flagelação, nem a coroa de espinhos, nem os cravos que nos salvam. O que nos mostra o caminho para a nossa realização humana é a atitude de amor de Jesus para com os outros. Na sua morte, Jesus deixou claro que o amor era mais importante que a vida.

Nenhuma circunstância na vida de Jesus, nem mesmo a morte, o separou da comunhão com o Pai, que é Amor. Também nós, quando somos capazes de nos entregarmos totalmente pelos outros, como opção fundamental de vida, podemos dizer: eu e o Pai somos um.

**A nossa glória está na cruz
de nosso Senhor Jesus Cristo!**

Leitura do Livro de Isaías (Is 52, 13-53, 12)

Vede como vai prosperar o meu servo: subirá, elevar-se-á, será exaltado. Assim como, à sua vista, muitos se encheram de espanto - tão desfigurado estava o seu rosto que tinha perdido toda a aparência de um ser humano - assim se hão de encher de assombro muitas nações e, diante dele, os reis ficarão calados, porque hão de ver o que nunca lhes tinham contado e observar o que nunca tinham ouvido. Quem acreditou no que ouvimos dizer? A quem se revelou o braço do Senhor? O meu servo cresceu diante do Senhor como um rebento, como raiz numa terra árida, sem distinção nem beleza para atrair o nosso olhar, e sem aspeto

agradável que possa cativar-nos. Desprezado e repellido pelos homens, homem de dores, acostumado ao sofrimento, era como aquele de quem se desvia o rosto, pessoa desprezível e sem valor para nós. Ele suportou as nossas enfermidades e tomou sobre si as nossas dores. Mas nós víamos nele um homem castigado, ferido por Deus e humilhado. Ele foi trespassado por causa das nossas culpas e esmagado por causa das nossas iniquidades. Caiu sobre ele o castigo que nos salva: pelas suas chagas fomos curados. Todos nós, como ovelhas, andávamos errantes, cada qual seguia o seu caminho. E o Senhor fez cair sobre ele as faltas de todos nós. Maltratado, humilhou-se voluntariamente e não abriu a boca. Como cordeiro levado ao matadouro, como ovelha muda ante aqueles que a tosquiavam, ele não abriu a boca. Foi eliminado por sentença iníqua, mas, quem se preocupa com a sua sorte? Foi arrancado da terra dos vivos e ferido de morte pelos pecados do meu povo. Foi-lhe dada sepultura entre os ímpios e um túmulo no meio de malfeitores, embora não tivesse cometido injustiça nem se tivesse encontrado mentira na sua boca. Aprouve ao Senhor esmagá-lo pelo sofrimento. Mas, se oferecer a sua vida como sacrifício de expiação, terá uma descendência duradoira, viverá longos dias e a obra do Senhor prosperará em suas mãos. Terminados os sofrimentos, verá a luz e ficará saciado na sua sabedoria. O justo, meu servo, justificará a muitos e tomará sobre si as suas iniquidades. Por isso, Eu lhe darei as multidões como prêmio e terá parte nos despojos no meio dos poderosos; porque ele próprio entregou a sua vida à morte e foi contado entre os malfeitores, tomou sobre si as culpas das multidões e intercedeu pelos pecadores.

Salmo responsorial (do Salmo 30)

**Pai, nas Tuas mãos
entrego o meu espírito!**

Em vós, Senhor, me refugio, jamais serei confundido,
pela vossa justiça, salvai-me.

Em vossas mãos entrego o meu espírito,
Senhor, Deus fiel, salvai-me.

Eu confio no Senhor:

“Vós sois o meu Deus, nas vossas mãos está o meu destino”.

Livrai-me das mãos dos meus inimigos
e de quantos me perseguem.

Fazei brilhar sobre mim a vossa face,
salvai-me pela vossa bondade.
Tende coragem e animai-vos,
vós todos que esperais no Senhor.

Leitura dos Atos dos Apóstolos (2, 14.22-24.32.36)

Então Pedro, que estava ali com os outros onze Apóstolos, levantou-se e disse em voz alta: “Homens da Judeia e todos os que vos encontrais em Jerusalém! Compreendei o que está a acontecer e prestai atenção às minhas palavras: Jesus de Nazaré, foi um homem que Deus confirmou entre vós, realizando por meio d’Ele os milagres, prodígios e sinais, que bem conheceis; a este, porém, crucificastes pelas mãos de homens ímpios. Mas Deus o ressuscitou dos mortos, libertando-o das cadeias da Morte, pois não era possível que ele permanecesse sob o seu domínio. A este Jesus, Deus ressuscitou-o. E nós todos somos testemunhas disso. Que todo o Povo de Israel fique a saber, com toda a certeza, que Deus tornou Senhor e Cristo esse Jesus, que vós crucificastes”.

Canto de Meditação

Christus factus est pro nobis
(Cristo fez-se por nós
obediens usque ad mortem,
obediente até à morte,
mortem autem crucis!
e morte de cruz!)

Leitura do Evangelho de Jesus Cristo segundo João (Jo 18,1-19,42)

Naquele tempo, Jesus saiu com os seus discípulos para o outro lado da torrente do Cédron. Havia lá um jardim, onde entraram ele e os discípulos. Judas, que o ia entregar, conhecia também o local, porque Jesus se reunira lá muitas vezes com eles. Tomando consigo uma companhia de soldados e alguns guardas enviados pelos príncipes dos sacerdotes e pelos fariseus, Judas chegou ali, com archotes, lanternas e armas. Sabendo ele tudo o que lhe ia acontecer, adiantou-se e perguntou-lhes: «A quem buscais?». Eles

responderam-lhe: «A Jesus de Nazaré». Jesus disse-lhes: «Sou eu». Judas, que o ia entregar, também estava com eles. Quando Jesus lhes disse «Sou eu», recuaram e caíram por terra. Jesus perguntou-lhes novamente: «A quem buscais?». Eles responderam: «A Jesus de Nazaré». Disse-lhes ele: «Já vos disse que sou eu. Por isso, se é a mim que buscais, deixai que estes se retirem». Assim se cumpriam as palavras que ele tinha dito: «Daqueles que me deste, não perdi nenhum».

Então, Simão Pedro, que tinha uma espada, desembainhou-a e feriu um servo do sumo sacerdote, cortando-lhe a orelha direita. O servo chamava-se Malco. Mas Jesus disse a Pedro: «Mete a tua espada na bainha. Não hei de beber o cálice que meu Pai me deu?» Então, a companhia de soldados, o oficial e os guardas dos judeus apoderaram-se de Jesus e manietaram-no. Levaram-no primeiro a Anás, por ser sogro de Caifás, que era o sumo sacerdote nesse ano. Tinha sido Caifás quem tinha dado o seguinte conselho aos judeus: «Convém que morra um só homem pelo povo».

Entretanto, Simão Pedro seguia Jesus com outro discípulo. Esse discípulo era conhecido do sumo sacerdote e entrou com Jesus no pátio do sumo sacerdote, enquanto Pedro ficava à porta, do lado de fora. Então o outro discípulo, conhecido do sumo sacerdote, falou à porteira e levou Pedro para dentro. A porteira disse a Pedro: «Tu não és dos discípulos desse homem?». Ele respondeu: «Não sou». Estavam ali presentes os servos e os guardas, que, por causa do frio, tinham acendido um braseiro e se aqueciam. Pedro também se encontrava com eles a aquecer-se.

Entretanto, o sumo sacerdote interrogou Jesus acerca dos seus discípulos e da sua doutrina. Jesus respondeu-lhe: «Falei abertamente ao mundo. Sempre ensinei na sinagoga e no templo, onde todos os judeus se reúnem, e não disse nada em segredo. Porque me interrogas? Pergunta aos que me ouviram o que lhes disse: eles bem sabem aquilo de que lhes falei». A estas palavras, um dos guardas que estava ali presente deu uma bofetada a Jesus e disse-lhe: «É assim que respondes ao sumo sacerdote?». Jesus respondeu-lhe: «Se falei mal, mostra-me em quê. Mas, se falei bem, porque me bates?». Então Anás mandou Jesus manietado ao sumo sacerdote Caifás.

Simão Pedro continuava ali a aquecer-se. Disseram-lhe então: «Tu não és também um dos seus discípulos?». Ele negou, dizendo: «Não sou». Replicou um dos servos do sumo sacerdote, parente daquele a quem Pedro cortara a orelha: «Então eu não te

vi com ele no jardim?». Pedro negou novamente e logo um galo cantou.

ADORAMUS TE, DOMINE!
(Nós te adoramos, Senhor!)

Depois levaram Jesus da residência de Caifás ao Pretório. Era de manhã cedo. Eles não entraram no pretório, para não se contaminarem e assim poderem comer a Páscoa. Pilatos veio cá fora ter com eles e perguntou-lhes: «Que acusação trazeis contra este homem?». Eles responderam-lhe: «Se não fosse malfeitor, não to entregávamos». Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós próprios, e julgai-o segundo a vossa lei». Os Judeus responderam: «Não nos é permitido dar a morte a ninguém». Assim se cumpriam as palavras que Jesus tinha dito, ao indicar de que morte ia morrer. Entretanto, Pilatos entrou novamente no pretório, chamou Jesus e perguntou-lhe: «Tu és o Rei dos judeus?». Jesus respondeu-lhe: «É por ti que o dizes, ou foram outros que to disseram de mim?». Disse-lhe Pilatos: «Porventura sou eu judeu? O teu povo e os sumo-sacerdotes é que te entregaram a mim. Que fizeste?». Jesus respondeu: «O meu reino não é deste mundo. Se fosse, os meus guardas lutariam para que eu não fosse entregue aos judeus. Mas o meu reino não é daqui». Disse-lhe Pilatos: «Então, tu és Rei?». Jesus respondeu-lhe: «É como dizes: sou Rei. Para isso nasci e vim ao mundo, a fim de dar testemunho da verdade. Todo aquele que é da verdade escuta a minha voz». Disse-lhe Pilatos: «Que é a verdade?». Dito isto, saiu novamente para fora e declarou aos judeus: «Não encontro neste homem culpa nenhuma. Mas vós estais habituados a que eu vos solte alguém pela Páscoa. Quereis que vos solte o Rei dos judeus?». Eles gritaram de novo: «Esse não. Antes Barrabás!». Barrabás era um salteador. Então Pilatos mandou que levassem Jesus e o açoitassem.

Os soldados teceram uma coroa de espinhos, colocaram-lha na cabeça e envolveram Jesus num manto de púrpura. Depois aproximavam-se dele e diziam: «Salvé, Rei dos judeus». E davam-lhe bofetadas. Pilatos saiu novamente para fora e disse: «Eu trago-lo aqui fora, para saberdes que não encontro nele culpa nenhuma». Jesus saiu, trazendo a coroa de espinhos e o manto de púrpura. Pilatos disse-lhes: «Eis o homem». Quando viram Jesus, os príncipes dos sacerdotes e os guardas gritaram: «Crucifica-o. Crucifica-o». Disse-lhes Pilatos: «Tomai-o vós mesmos e crucificai-o, que eu não encontro nele culpa alguma".

Responderam-lhe os judeus: «Nós temos uma lei e, segundo ela, deve morrer, porque se fez Filho de Deus!». Quando Pilatos ouviu estas palavras, ficou assustado. Voltou a entrar no pretório e perguntou a Jesus: «Donde és tu?». Mas Jesus não lhe deu resposta. Disse-lhe então Pilatos: «Não me falas? Não sabes que tenho poder para te soltar e para te crucificar?». Jesus respondeu-lhe: «Nenhum poder terias sobre mim, se não te fosse dado do alto. Por isso, quem me entregou a ti tem maior pecado». A partir de então, Pilatos procurava libertar Jesus. Mas os judeus gritavam: «Se o libertares, não és amigo de César: todo aquele que se faz rei é contra César».

Ao ouvir estas palavras, Pilatos trouxe Jesus para fora e sentou-se no tribunal, no lugar chamado Lagedo, em hebraico Gabatá. Era o dia da Preparação da Páscoa, por volta do meio-dia. Disse então aos judeus: «Eis o vosso Rei!». Mas eles gritaram: «À morte, à morte! Crucifica-o!». Disse-lhes Pilatos: «Hei de crucificar o vosso Rei?». Replicaram-lhe os príncipes dos sacerdotes: «Não temos outro rei senão César». Entregou-lhes então Jesus, para ser crucificado. E eles apoderaram-se de Jesus.

ADORAMUS TE, DOMINE!

(Nós te adoramos, Senhor!)

Levando a cruz, Jesus saiu para o chamado Lugar do Calvário, que em hebraico se diz Gólgota. Ali o crucificaram, e com ele mais dois: um de cada lado e Jesus no meio. Pilatos escreveu ainda um letreiro e colocou-o no alto da cruz; nele estava escrito: "Jesus de Nazaré, Rei dos judeus". Muitos judeus leram esse letreiro, porque o lugar onde Jesus tinha sido crucificado era perto da cidade. Estava escrito em hebraico, grego e latim. Diziam então a Pilatos os príncipes dos sacerdotes dos judeus: «Não escrevas: "Rei dos judeus", mas que Ele afirmou: "Eu sou o Rei dos judeus"». Pilatos retorquiu: «o que escrevi está escrito».

Quando crucificaram Jesus, os soldados tomaram as suas vestes, das quais fizeram quatro lotes, um para cada soldado, e ficaram também com a túnica. A túnica não tinha costura: era tecida de alto a baixo como um todo. Disseram uns aos outros: «Não a rasguemos, mas lancemos sortes, para ver de quem será». Assim se cumpria a Escritura: "Repartiram entre si as minhas vestes e deitaram sortes sobre a minha túnica". Foi o que fizeram os soldados.

Estavam junto à cruz de Jesus, sua Mãe, a irmã de sua Mãe,

Maria, mulher de Cléofas e Maria Madalena. Ao ver sua Mãe e o discípulo que ele amava, Jesus disse a sua Mãe: «Mulher, eis o teu filho». Depois disse ao discípulo: «Eis a tua mãe». E a partir daquele momento o discípulo recebeu-a em sua casa.

Depois, sabendo que tudo estava consumado e para que se cumprisse a Escritura, Jesus disse: «Tenho sede». Estava ali um vaso cheio de vinagre. Prenderam a uma vara uma esponja embebida em vinagre e levaram-lha à boca. Quando Jesus tomou o vinagre, exclamou: «Tudo está consumado». E inclinando a cabeça, expirou.

ADORAMUS TE, DOMINE!

(Nós te adoramos, Senhor!)

Por ser a Preparação, e para que os corpos não ficassem na cruz durante o sábado, - era um grande dia aquele sábado - os judeus pediram a Pilatos que se lhes quebrassem as pernas e fossem [os corpos] retirados [da cruz]. Os soldados vieram e quebraram as pernas ao primeiro, depois ao outro que tinha sido crucificado com ele. Ao chegarem a Jesus, vendo-o já morto, não lhe quebraram as pernas, mas um dos soldados trespassou-lhe o lado com uma lança, e logo saiu sangue e água. Aquele que viu é que dá testemunho e o seu testemunho é verdadeiro. Ele sabe que diz a verdade, para que também vós acrediteis. Assim aconteceu para se cumprir a Escritura, que diz: «Nenhum osso lhe será quebrado». Diz ainda outra passagem da Escritura: «Hão de olhar para aquele que trespassaram».

Depois disto, José de Arimateia, que era discípulo de Jesus, embora oculto por medo dos judeus, pediu licença a Pilatos para levar o corpo de Jesus. Pilatos permitiu-lho. José veio então tirar o corpo de Jesus. Veio também Nicodemos, aquele que, antes, tinha ido de noite ao encontro de Jesus. Trazia uma mistura de quase cem libras de mirra e aloés. Tomaram o corpo de Jesus e envolveram-no em ligaduras juntamente com os perfumes, como é costume sepultar entre os judeus. No local em que Jesus tinha sido crucificado, havia um jardim e, no jardim, um sepulcro novo, no qual ainda ninguém fora sepultado. Foi aí que, por causa da Preparação dos judeus, porque o sepulcro ficava perto, depositaram Jesus.

ADORAMUS TE, DOMINE!

(Nós te adoramos, Senhor!)

Preces Universais

Irmãos,
estendamos um olhar sobre a Terra, sobre a Humanidade
e sobre a Igreja, que é testemunha no Mundo
do Mistério da Salvação.

Oremos para que a Igreja reencontre sempre na Palavra
e no mistério da Paixão, Morte e Ressurreição de Jesus
o fundamento da sua missão.

Te rogamus, audi nos! (Nós Te pedimos, escuta-nos)

Oremos por todos aqueles que prestam serviços na Igreja:
que saibam recriar com imaginação e coragem
testemunhos e respostas para as interpelações deste tempo.

Oremos pelos mártires da Igreja de Cristo,
que, em todo o tempo e lugar, são chamados a testemunhar
com Sabedoria e Fortaleza, a Liberdade dos filhos de Deus.

Oremos pela Unidade dos cristãos.
Que o Senhor fortaleça o Movimento Ecuménico.

Oremos pelos irmãos que, noutras religiões,
procuram o encontro com o Deus Vivo.

Oremos pelos homens e mulheres não crentes
que, nas suas vidas, vivem o mandamento do Amor.

Oremos pelos que trabalham pela justiça social,
pelos direitos e humanização laboral,
e por uma Economia ao serviço do homem integral.

**Senhor atende a nossa voz,
Senhor escuta o nosso grito de Esperança**

Oremos pela comunidade científica para que,
através do seu conhecimento, cuidem da Criação inteira.

Oremos pelos que sofrem de solidão, pelos sem-abrigo,
pelos imigrantes, pelos que sofrem violência doméstica
ou qualquer outro tipo de violência, pelos que não são aceites
na sua identidade de género, pelas vítimas da fome, da pobreza
e de todas as formas de exploração.

Oremos pela nossa Comunidade, para que o Senhor
nos confirme como comunidade de Fé, de partilha e de oração.

Adoração da Cruz

**Eis a cruz de madeira
onde esteve suspenso o salvador do mundo!**

Vinde, adoremos!

Cada um aproxima-se da Cruz, num gesto de adoração.

A Cruz proclama ao mundo a morte de Jesus;
o autor do Universo suspenso está na Cruz.
Com lança trespassado se abriu seu coração;
saiu sangue e água trazendo a Salvação.

Oh! Cruz tu és esperança no tempo da Paixão;
na hora da tristeza tu és a Salvação.
Aumenta em nós a esperança que a luz da fé nos traz;
sê para todo o Homem sinal de amor e paz.

(J. S Bach)

Impropérios

Eu, o teu único Criador,
no princípio concebi o Universo.
Entre os astros inumeráveis,
num lugar cujas referências mal conheces ainda,
situei a Terra.
Os dias e as noites cobrem sucessivamente a sua face.
Nela cresceram as montanhas, os mares, os desertos
e as florestas.
Nela se formaram os minerais do subsolo
e do húmus fértil brotaram as plantas, ervas,
flores, frutos e sementes.
Nela irrompeu a Vida, diversificada,
até ao equilíbrio da síntese prodigiosa que é o Homem.
A Inteligência e a Sensibilidade abriram à Pessoa Humana
um olhar de compreensão e de ternura
sobre a Natureza Humana e o rosto do Homem.
Mas no Homem cresceu desmedida e monstruosamente
o desejo e a sede de domínio e de posse.

A Terra foi dividida em minifúndios e latifúndios.
Inventaram-se fortalezas, muros, vedações e arame farpado.
Fizeram-se teorias sobre a propriedade privada.

E tu, meu Povo,
consentiste que a Terra fosse injustamente dividida.
O teu olhar tornou-se possessivo e ávido.
Tu perdeste o teu olhar límpido de ternura e salvação.
... e por isto, meu Povo,
é que fui crucificado,
por isto é que estou crucificado.

Todos: **Povo meu, que te fiz eu,
que mal te causei? Não me dirás?**

Eu, o teu único Senhor,
criei os Homens Livres,
mas eles dividiram-se em Senhores e Escravos.
Em Senhores que possuem, que gozam impunemente
e que inventaram a guerra para sua defesa e dos seus haveres.
Em escravos alienados aos salários de miséria do seu trabalho,
alienados às armas que os Senhores inventaram
para defesa da sua situação e dos seus bens.
Senhores que outrora negociavam o sangue humano
e traficaram os homens acorrentados de continente em continente
e que, ainda hoje, negociam anonimamente o sangue
nas fábricas e nos campos.
Senhores que destruíram civilizações
e fundaram outras mais prósperas e cultas - dizem! -
sobre os mesmos alicerces ignominiosos
da opressão e da injustiça.

E nem tu, meu Povo,
a quem estabeleci no Mundo
como Comunidade de Homens Livres e Salvos,
nem tu, a quem confiei a Palavra e o Plano da Libertação,
nem tu resististe à vontade de domínio,
à sede dos poderes e à paixão dos crimes.
E também silenciaste, e também colaboraste na tarefa de saque,
na exploração dos Povos pelos Povos, do Homem pelo Homem.
... e por isto, meu Povo,
é que fui crucificado,
por isto é que estou crucificado.

Todos: **Povo meu, que te fiz eu,
que mal te causei? Não me dirás?**

Eu, o teu único Deus,

ensinei-te gestos de Libertação:

pus Abraão diante dos teus olhos, e ensinei-te
que nenhum Homem jamais sacrificará outro Homem,

porque ao Deus vivo e verdadeiro

repugna o sacrifício e a morte de um Homem.

Disse-te que são estúpidos os ídolos da crueldade e da violência

e que todo o altar manchado pelo sangue humano

deve ser derrubado.

Pus Moisés diante dos teus olhos e ensinei-te

que cada Povo tem direito à Liberdade e ao seu próprio destino,

que lavé não escolhe a neutralidade,

que toma partido pelos pobres e se compromete com os oprimidos.

Que a todos oferece uma Terra Prometida,

um Reino de Liberdade e de Paz

e que essa é a grande Páscoa:

o Homem, Irmão do Homem que habita em Paz

numa Terra Livre e Justa!

Tu, porém, meu Povo,
consentiste que a Terra se transformasse num mar
de sangue e de horrores;
consentiste que os deuses da violência e da crueldade
continuassem a viver na Terra e jamais fossem extirpados.
Consentiste nos altares sangrentos espalhados pelo Mundo
onde se sacrifica aos horrorosos deuses
do domínio económico e ideológico.
E quantos altares se vão erguer ainda?
E quantos altares não estão já em construção?
E tu, meu Povo, que farás para impedi-los?
... e por isto, meu Povo,
é que fui crucificado,
por isto é que estou crucificado.

Todos: **Povo meu, que te fiz eu,
que mal te causei? Não me dirás?**

Eu te enviei, meu Povo,

a anunciar a Boa Nova aos Pobres,
a Libertação aos cativos e aos oprimidos,
a Alegria e a Paz a toda a Terra.
E tu voltaste, prostituída, ó Cidade que projetei,
coroada com o ouro do Mundo,
adornada com as joias e os tesouros
da arte, do saber e da cultura.
Trocaste a Boa Nova da Libertação pela Sabedoria do Mundo.
Rodeaste-te de um corpo diplomático hábil,
fizeste política com a política dos poderosos,
rodeaste-te de tribunais especializados,
de peritos e de censores argutos.
Não fizeste do Evangelho um plano revolucionário
e o Julgamento da História.
Fizeste dele uma Moral, um Código de Direito,
um Manual de Religiosidade e de apaziguamento.

Poderás ainda, meu Povo,
recriar a imagem do Homem Livre sobre a Terra Livre?
Poderás limpar-te dos teus crimes?
Serás capaz de rasgar as vestes da riqueza
de abandonar os palácios que mandaste construir
e onde te instalaste?
De distribuir os múltiplos haveres?
Serás capaz de fazer penitência exemplar
à face do Mundo e da Humanidade?
...e por isto, meu Povo,
é que fui crucificado,
por isto é que estou crucificado.

Todos: **Povo meu, que te fiz eu,
que mal te causei? Não me dirás?**

A ti, meu Povo,
eu confiei uma Palavra de Esperança,
uma Palavra para a Vida do Mundo,
uma Palavra de Libertação e de Alegria para a Terra:
o Juízo Definitivo e Radical da História Humana!
Empenhei nessa Palavra o meu Filho Unigénito:
o meu Filho é a minha Palavra!
E a minha Palavra fez-se Carne!

O Filho de Deus é Filho do Homem! Fez-se Homem!
O mais livre dos Homens: sem haveres, sem defesa,
sem lugar onde reclinar a cabeça, despojado de poder.
A PALAVRA POBRE E PEREGRINA DE DEUS.
O meu Filho é o meu Enviado!
Enviei-o para o que era seu. Enviei-o para o Mundo.
Mas o Mundo não o recebeu. O mundo marginalizou-o.
Ele sorriu aos pobres, aos de coração aflito,
às prostitutas, aos doentes,
e o Mundo não compreendeu o seu sorriso.
Foi arrastado ao tribunal dos sacerdotes,
por ter anunciado o seu único título de soberania:
FILHO DE DEUS!
Consideraram-no herege e blasfemo
porque falou da destruição do Templo,
discutiu a Religião Oficial, a Religião Tradicional.
E foi arrastado aos tribunais da política,
porque subvertia as multidões, porque as manipulava,
porque disse que era Rei,
porque abalava a força opressora do Império.
E por isso foi preso.
Instauraram-lhe o julgamento mais vergonhoso
que jamais aconteceu em tribunais.
Açularam o Povo contra ele.
Chicotearam-no, puseram-lhe uma coroa de espinhos,
para troçar da sua realeza e causar-lhe dor,
roubaram-lhe a roupa e fizeram um sorteio com a sua túnica.
Puseram-lhe duas traves de madeira aos ombros
e, como os condenados, percorreu a cidade até ao Gólgota.
Era como um verme repugnante,
como objeto estragado e inútil que se atira à lixeira.
Foi levado à morte
como cordeiro inocente que vai para o matadouro.
E ele, que era a Palavra,
não disse uma palavra àqueles que o ofendiam.
Morreu.
Mas a Palavra de Deus não morre.
É como a semente: cai na terra, morre,
mas germina e multiplica-se.
Por isso a Morte foi destruída.
A Cruz, sinal de Sujeição, tornou-se a Árvore da Vida!

Meu Povo,
entendeste a minha Palavra?
Entendeste o meu Caminho?
Entendeste que é a Vida e não a Morte que te apresento?
Entendeste a Salvação?
Entendeste que a Salvação é a Libertação?
Entendeste o que é a Ressurreição?
Conheces agora os caminhos da Alegria e da Felicidade?
Meu Povo, responde-me!

Todos: **Povo meu, que te fiz eu,
que mal te causei? Não me dirás?**

Rezemos, irmãos, a oração que Jesus nos ensinou:

Pai Nosso

**A nossa glória está na cruz
de nosso Senhor Jesus Cristo!**

*... em profundo e absoluto silêncio,
acompanhados pelo cântico de meditação,
assim nos dispersamos:
até amanhã!*

A Cruz proclama ao mundo a morte de Jesus;
o autor do Universo suspenso está na Cruz.
Com lança trespassado se abriu seu coração;
saiu sangue e água trazendo a Salvação.

Oh! Cruz tu és esperança no tempo da Paixão;
na hora da tristeza tu és a Salvação.
Aumenta em nós a esperança que a luz da fé nos traz;
sê para todo o Homem sinal de amor e paz.

(J. S. Bach)